

DOCÊNCIA, TAREFA TRANSFORMADORA

Elaine Barbosa DOS SANTOS*

RESUMO: O presente trabalho visa partilhar com os agentes da educação a importância do ato de ensinar, que vai muito além de uma elementar transmissão de conteúdo. Por meio de uma refinada revisão de literatura e observação participante, procura-se emergir a ação educadora como forma de desalienação, conduzindo o discente à construção de um debate sobre educação, entendida como um campo em desenvolvimento de interpretações e perspectivas sobre o homem, sobre o que seria bom acontecer com ele em seus variados ciclos de vida. Não existe outra forma de emancipação do ensino que não seja através do afeto, do respeito e da condução à autonomia do educando. A realização do presente estudo objetiva, compreender a educação como forma de transformação do mundo, sucumbindo às diferenças e promovendo a harmonia social bem como a reflexão sobre o processo educacional, enquanto chave capaz de abrir muitas portas.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Humana. Docência. Vida. Mundo.

Introdução

Na atualidade, onde muito se fala sobre educação e suas variadas nuances, colocamos nossas ideias e impressões, à apreciação de todos os educadores que se sentem incomodados com as perspectivas futuras e se propõem a repensar as suas práticas e atuações, utilizando-se da criatividade para reinventar outras maneiras de trabalhar o ensino, a partir da motivação do interesse dos discentes, incentivando-os para uma relação harmoniosa e dialógica com o conhecimento. Considerando que educação é permanentemente uma atividade intencional.

* Mestranda em Desenvolvimento Social. UNIUMONTES – Universidade Estadual de Montes Claros. Pós-Graduação em Desenvolvimento Social. Montes Claros – MG – Brasil. 39401-089 – elabsan@yahoo.com.br

É necessário que o discurso da educação se ramifique, crie vida, se movimente... só assim aquela educação tão almejada e necessária se projetará para fora do papel. Preconiza-se uma educação em que o aluno, como sujeito do processo, possa dar o seu grito de liberdade, disseminando a sua capacidade outrora subestimada, reprimida e segregada. Para Freire (1987) assim a educação reproduzirá, em seu plano próprio, a estrutura dinâmica e o movimento dialético do processo histórico da produção do homem, configurada nas práticas sociais movimentadas por interesses que vão além da cultura, felicidade dos indivíduos e sobrevivência da espécie humana.

A docência, por muito tempo carregou consigo a auto-suficiência de um processo que insistia em manter-se isolado, intocável. Reproduzindo, uma absurda fórmula ideal educacional, seguidora do ponto de vista feudal, que considera favorável uma cultura educacional tecida no emaranhado da dominação. Segundo Wulf (2005) o debate da educação pode configurar um diálogo total do homem com ele mesmo, que no limite, percorre o fio do tempo histórico, onde os paradigmas da educação passaram por muitas e grandes mudanças.

Nos dias atuais, percebemos por parte de uns poucos, uma sutil quebra de paradigmas, na qual alguns docentes estão propondo uma prática contemporânea, em que o educando vem conquistando sua 'voz' e 'vez' nos espaços educativos e o educador adotando o papel relevante de mediador do processo. Ao final todos participam, aprendem e ensinam, o binômio ensino-aprendizagem se define como mútuo e colaborativo. Apoiamo-nos em Freire (2007) que reconhece o processo educativo como social e o concebe como um processo significativo, compartilhado por sujeitos iguais entre si numa relação também de desigualdade.

Há ainda muito que fazer, para que a educação brasileira atinja patamares mais significativos, que possam se transformar num processo de crescimento não apenas intelectual, mas também humano, solidário, digno e que seja permeado pela busca constante de justiça e fraternidade.

Em razão de análises executadas, e através de uma pluralidade de pesquisas bibliográficas, objetivou-se, construir um paralelo teórico da educação dos tempos remotos – em que a educação bancária tinha como base a prepotência e a dominação – versus o papel do docente contemporâneo, o qual, através de uma postura democrática e construtiva, passa a exercer o papel de mediador da aprendizagem, construindo, no espaço 'sala de aula', uma rede de aprendizagem coletiva e colaborativa, onde todos se reconhecem como aprendentes e ensinantes, não apenas conteúdos isolados, mas valores, contextualizados na justiça, fraternidade, respeito às diferenças e uma efetiva união entre os sujeitos do processo.

As informações aqui apresentadas são resultados dos estudos realizados e análises de documentos de diferentes autores, pesquisadores e materiais produzidos para a educação contemporânea, os quais colaboram significativamente, para a transformação histórica da educação brasileira.

Ser professor em um mundo mutável

Educar é uma arte, que está intrinsicamente ligada às culturas humanas, podendo ser identificada como condutora do conhecimento absorvido sobre a natureza e as significações criadas para se explicar e entender fenômenos observados. Assim, a capacidade de aprender, e de gerar conhecimento e representações, é passível de ser transmitida para outras gerações, diferindo o ser humano de outros animais. A educação é parte fundamental na constituição do ser social humano.

Porém, tornou-se um dos grandes desafios da contemporaneidade, converter a educação em referência mediadora por meio da qual são construídas as relações sociais e culturais. A partir, do despontamento das sociedades hierárquicas, com prevalência do poder político e divisão social do trabalho, a educação adapta-se às camadas sociais já existentes, proporcionando uma diversidade e especialidade que corrobora de forma veemente para a reprodução da hierarquia social. O problema da educação para Wulf (2005) é o problema do homem, sua realização e crescimento, sua vida pedindo mais vida. Portanto de suas esperanças e promessas.

A separação entre trabalho manual e intelectual teve como precursor a hierarquização social, que é apenas um aspecto existente na contradição do processo que coloca como opositores dominantes e dominados. Para Neto (2013) é assim que a educação como forma de reprodução de determinada sociabilidade hierárquica se apropria das camadas sociais existentes, colaborando, para a diversificação e especializações que reproduzem a hierarquia.

Os históricos desencontros existentes entre educação, ensino e suas variâncias prejudicam a visão social educativa e escolar e conseqüentemente a auto-imagem de seus profissionais. Freire (2007) ressalta que a história do conhecimento, sua natureza de processo em permanente devir, significa reconhecer o conhecimento como uma produção social resultante da ação e da reflexão, da curiosidade em uma incessante busca epistemológica.

Essas mudanças educacionais, sociais e políticas fizeram com que as instituições passassem por metamorfoses, a escola não é mais o que era há alguns

anos, nem os professores tem o mesmo papel. A docência se transformou. Diante disso, é preciso mudar a forma de se trabalhar o ensino e a aprendizagem. Para Gadotti (2006), as dúvidas dos educadores vão além da metodologia ou da didática a serem aplicadas: suas inquietações dizem respeito, sobretudo, à própria essência da educação, ou seja, à adequada tarefa do dever ser do indivíduo relacionado ao seu presente ou futuro... a preparação para a vida, através de uma educação contínua e permanente.

Diante desta perspectiva, o mestre Paulo Freire (1996, p.24) afirma:

Não temo dizer que inexistem validade no ensino de que não resulta um aprendizado em que o aprendiz não se tornou capaz de recriar ou de refazer o ensinado, em que o ensinado que não foi apreendido não pode ser realmente aprendido pelo aprendiz. Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática e ensinar-aprender, participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade.

A escola atravessa a uma crise, devido aos acontecimentos sociais do final do último século. Se o sistema de ensino está em crise, certamente, os profissionais que nela prestam serviços a compartilham. Está claro que suas atribuições mudaram, que precisam investir em questionamentos sociais e políticos, que pensem o homem na sua totalidade. Segundo Imbernón (2009), tudo isso e muito mais suscita a busca de alternativas à escolarização democrática de toda população. A escola, como conhecemos, criada na modernidade do século XVIII, consolidada em suas funções de educação da cidadania no século XIX e renovada pelos movimentos da escola nova durante o século XX, tenta educar crianças, jovens e adultos do século XXI com professores formados em procedimentos educativos do século XX, não tem mais espaço nas discussões educacionais da liquidez moderna.

Muitas alternativas de mudanças foram buscadas e testadas. A conversão da escola em uma comunidade de aprendizagem é uma das possibilidades que surgiu. Parcerias com as famílias, empresas, voluntários, associações, etc. com pleno direito de intervenções na socialização do aprendizado, tornou-se uma alternativa para que todos adquiram as aprendizagens que lhes permitam desenvolver-se na sociedade do futuro, evitar o fracasso escolar, contrapor sob a desigualdade de aprendizagens e a exclusão social dos educandos. Diante desse modelo, Freire (1987) destaca que as principais questões e problemas da educa-

ção não são somente questões pedagógicas, ao contrário, são questões sociais e políticas. A educação e o sistema de ensino modificam a sociedade, assim como a sociedade pode mudar o sistema instrucional. Ele chama de revolução a consciente participação do povo.

Charlot (2005, p.72) afirma que:

Aprender é sempre entrar em relação com o outro, o outro fisicamente presente em meu mundo, mas também esse outro virtual que cada um leva dentro de si como interlocutor. Toda relação com o saber comporta, pois, uma dimensão relacional, que é a parte integrante da dimensão identitária [...]. Poder-se-ia, aliás, dizer o inverso: a dimensão identitária é parte integrante da dimensão relacional. Não há consigo próprio senão uma relação com o outro; e não há relação com o outro senão como relação consigo próprio.

Acreditamos que todas essas experiências têm como objetivo a conversão da escola em um agente de transformação social. Sabedores de que a escola é uma das principais instituições culturais existentes, afirmamos que elas precisam preparar os seus discentes, para a inserção no mundo contemporâneo, que exige do docente uma postura alicerçada num processo permanente de reflexão que leve a resultados inovadores no trato da educação. As contribuições de Freire (2007) conduzem o educador à consciência de si enquanto ser histórico que continuamente se educa num movimento dialético no mundo que o cerca. Não é, pois, por um acaso que as ideias freireanas se articulam com os interesses da formação do educador, pois, não se perde de vista o caráter histórico do homem associado sempre à prática social.

A instituição escolar, nesse novo contexto de impregnação do conhecimento, precisa ser um espaço organizador de formação, exercendo, portanto, uma função mais formativa e menos informativa, mais gestora do conhecimento do que lecionadora. Os espaços educacionais são lugares de troca de saberes, onde o educando deve se envolver com o processo de aprendizagem de forma questionadora e crítica. Essa postura possibilita a formação de indivíduos mais humildes, aniquilados do saber absoluto, aceitando que todos podem e devem indagar e têm o direito de se posicionar e que o correto pode ter mais de uma opção. De acordo com Freire (1996), dentro de uma instituição precisa existir a epistemologia da crítica, ou seja, trabalhar com o enfoque na formação do ser humano social que seja capaz de criticar, pensar e refletir, conduzindo-o para o

processo de motivação em busca de uma mudança da sociedade, da política, da ética, do cotidiano dos indivíduos e dos grupos sociais.

O papel do docente, na atualidade vai muito além de oferecer conhecimentos. A educação necessita da praticidade, relacionada à reflexão, sobre as demandas e compromissos mobilizadores de educadores e instituições, em direção ao planejamento, decisão e execução das políticas públicas. Educar para desenvolver um trabalho que vai além da informação, que caminhe para a construção de uma cidadania crítica e democrática, que oriente os indivíduos para a vida. Rios (1997) propõe uma formação sólida para os professores, com novas proposições nas formas de atuação na direção da ampliação da qualidade. A formação do professor deve ser continuada, portanto, um diploma não deve significar o término de uma formação.

A educação é para o futuro, para a vida, para a formação humana. Somos todos aprendizes. Ao incorporarmos isso, teremos mais oportunidades nas realizações da vida. Gadotti e Romão (2007) reforçam que não existe mestre, sabedor de tudo; e que também não há discípulo, totalmente ignorante. Sob esta perspectiva a relação professor-aluno-família-comunidade é positiva porque gera comprometimento profissional e responsabilidade social, colocando a instituição escolar na rota de qualidade do ensino e, assim todos ganham.

Segundo Charlot (2005) as parcerias ocorrem de forma ordenada, reconstituindo as tramas do tecido social que representa a rede colaborativa. Nessa condição, a instituição escolar deixa de ser barco para se tornar porto de onde se estabelece relações com a estrutura da vida. Lançamo-nos para a vida a partir do porto escola. A palavra educação vem do latim “educere” (ex= fora + ducer =conduzir), que significa “conduzir para fora”, ou seja, preparar o indivíduo para o mundo.

No mundo contemporâneo, tudo muda a cada momento. Diante de tantos desafios o nosso papel enquanto educador é auxiliar os nossos educandos a compreenderem melhor esse mundo repleto de variáveis. Educar, portanto, é um ato mágico e singular. É uma relação direta e imediata com o outro e necessariamente permeada por afeto. O educador transforma o outro através do outro mesmo, sem mediações. O seu produto é o aluno preparado, educado, é a mudança social na sua expressão mais imediata.

Portanto, a educação é um processo permanente, ela não se esgota nos minutos de cada aula, não se prende aos muros institucionais. O professor é o elemento chave no processo ensino-aprendizagem, contudo é essencial que seja responsável, compromissado, que saiba aceitar a diversidade; que seja ético para

lidar com os problemas do ensino. Neto (2013) argumenta que educação denota educar e ser educado ao mesmo tempo. Que a relação entre educador e educando é dialética, o que significa ser contraditória e recíproca, mas não hierárquica.

Sustentamos a ideia que, as instituições superiores, responsáveis pela formação do docente, devem embasar as suas ações, não somente na praticadas metodologias treinadas, na repetição das teorias vistas, mas, sobretudo, na constituição de um profissional íntegro que entenda a educação como um processo significativo, que precisa ser compartilhado com responsabilidade. Colocando nele toda a sua vocação humana. Que promova o avanço do conhecimento e incentive a pesquisa. Formando assim, um ser capaz de assumir um trabalho pleno, para um encontro harmonioso com os seus educandos, com a sociedade e consigo mesmo.

De acordo com Gadotti e Romão (2007), a formação do futuro profissional deve priorizar a consciência social a partir da compreensão da situação do aluno e daqueles que estão fora da escola. O profissional do ensino não é um técnico, é um profissional do humano, do social, do político. Deve criar possibilidades para que seja um agente cultural, um motivador social.

Formar-se como professor é, ao mesmo tempo, apropriar-se dos discursos (saberes teóricos) e tornar-se capaz de realizar práticas. Conforme Freire (1987) a verdadeira educação não consiste só em ensinar a pensar, mas também em aprender a pensar sobre o que se pensa. Finalmente, vale lembrar, o docente pobremente ensinado, ensinará aqueles que serão ainda mais pobres de ensino.

A função social da escola

Desde o princípio da civilização, o processo educacional sempre existiu no seu sentido mais amplo, participando de forma colaborativa para a continuidade de toda sociedade. Charlot (2005) aponta que a educação é uma parcela imprescindível da sociedade e efetivamente uma questão social. É parte essencial do processo de socialização que se inicia no nascimento e prepara para a vida adulta. E segue afirmando que o que permite uma pessoa tornar-se humana é a sua vivência em sociedade.

A educação tem como sua função primordial, dar o que a vida coletiva requer e converter o indivíduo em ser verdadeiramente humano, que entendendo a socialização como processo sem fim. Para Freire (2007) a educação tem como tarefa mudar a sociedade e todos que nela estão envolvidos, devem ser orientados para desempenhar essa missão. Assim, acreditamos que cada pessoa que chega

a escola, precisa ser considerada uma individualidade que, precisa atingir sua autonomia social.

A escola da atualidade tem como função a garantia de aprendizagem de conhecimentos, habilidades e valores necessários à socialização do educando. Aprendizagens essas que precisam transformar-se em recursos que auxiliem a melhor compreender a realidade que os cerca, contribuindo para que suas participações sociais se tornem mais amplas, possibilitando assim a leitura e a interpretação das informações e mensagens que veiculam amplamente, deixando-o pronto para a inclusão no mundo contemporâneo, intervenção consciente e crítica na vida. Freire (2007) destaca que o ato de educar, precisa servir, para conscientizar, para desalienar a própria educação. Portanto, dar visibilidade ao que foi escondido, dar voz e vez a todos que procuram essa instituição, proporcionando uma relação dialógica com o novo mundo que invade a escola e que dela exige posicionamentos, decisões e atitudes, diante dos grandes desafios e transformações diárias.

Entendemos a função da escola como ampla, complexa e diversificada. Para dar sustentação às mudanças e evoluções contínuas, essa instituição precisa assumir um ensino que crie conexão entre o que o educando aprende e o que ele faz fora dela. Estabelecendo assim, uma relação entre a vida prática e o aprendizado escolar. Conforme Freire (1987) a politização do ato pedagógico tem relação íntima com a questão da recuperação da funcionalidade (mentalização) do que é trabalhado na sala de aula para o projeto de vida.

Contudo, a escola precisa necessariamente propiciar o domínio da leitura e escrita, dos conteúdos culturais básicos, das artes, das ciências, preparando assim o estudante para exercer sua cidadania. Precisamos dar condições de uma permanente aprendizagem com continuidade aos discentes, mesmo após o término de sua vida escolar. Na prática educativa é fundamental fazer o aluno pensar, refletir, criticar, sintetizar, classificar, argumentar, experimentar vivências em situações de aprendizagens partilhadas, que prestigiam o conhecimento, que valorizam o saber individual, que estimulam e ensinam o convívio entre grupos, que favoreçam a conexão entre o ensino formal e o mundo social.

No tocante à relação com o saber, Charlot (2005, p.10) ressalta:

Essa é uma condição que se estabelece desde o nascimento, uma vez que “nascer significa ver-se submetido à obrigação de aprender.” A condição humana exige que seja feito um movimento, “longo, complexo e nunca acabado”,

no sentido de se apropriar (parcialmente) de um mundo preexistente. Essa apropriação obrigatória desencadeia três processos: de homização (tornar-se homem), singularização (tornar-se exemplar único) e socialização (tornar-se membro de uma comunidade).

O envolvimento das instituições escolares com o seu entorno sociocultural, significa uma ação que liga a instituição, à sua transformação, ação esta que assume a educação como um ato social aberto às mudanças e aos avanços. De acordo com Freire (1996) a educação é uma forma de intervenção no mundo. É o encontro do indivíduo com o social. Dessa forma, podemos afirmar que a ligação entre o que se aprende e o que se exercita na prática diária, devem ser ensejados pela metodologia aplicada.

A construção do mundo real perpassa a educação. Por isso esta instituição não pode ser alheia aos problemas que seus sujeitos vivem. Assim, é preciso entender que a educação nunca é neutra, que possui um caráter formador e formativo. Conforme Freire (1996), se a educação não pode tudo, muita coisas essenciais à formação e a vida do homem, ela pode. Um dos poderes relevantes que possui, é a condição de provocar o questionamento, a crítica, a reflexão dos educandos e, a condição primordial de fomentar a curiosidade.

A escola precisa ter um olhar constantemente voltado à sociedade, conectando a ela o seu saber, exercitando a vida. Desta forma, o grande desafio, é fazer do ambiente educacional um meio que favoreça o aprendizado, no qual a escola deixa de ser apenas um ponto de pessoas e passe a ser um encontro com o saber, com as descobertas epistemológicas de forma prazerosa e funcional.

Rios (1997) destaca que se a educação não servir para despertar os seres humanos para a descoberta do sentido da vida, de nada adiantará todo conteúdo programático adquirido ao longo dos anos de frequência aos bancos escolas. Desta forma, a educação que qualifica simplesmente para a aprendizagem de conteúdo, não prepara para a realização social, política e humana e a educação é para a vida.

Desta maneira, somos levados para uma compreensão dinâmica da vida, partindo do pressuposto de que aquilo que já foi não é o mesmo de agora e nem será o mesmo de amanhã. Os fatos históricos que movem a vida dos indivíduos não são estáticos, modificam-se constantemente, conforme contextos sociais e políticos que envolvem a vida humana. Assim também deve ser o processo educacional. Contudo, educar para a vida é educarmos para o futuro, não para o passado.

A dimensão humana da docência

Todo trabalho envolve algum investimento afetivo por parte do trabalhador, tanto na relação estabelecida com o produto do trabalho quanto na relação com os outros envolvidos no processo. No caso do professor a relação afetiva é parte essencial do exercício da função, pois é por intermédio do estabelecimento de laços de sentimentos que acontece o processo de ensino-aprendizagem. É sabido que, na ausência dessa afetividade, pode ocorrer um fracasso pedagógico.

O papel do educador, segundo Freire (1996), não é superior nem inferior a qualquer outra prática profissional. A prática docente exige um alto nível de responsabilidade ética, porque lida com gente e não com coisas. A relação de afeto deve existir, a ternura tem que circular entre educador e educando, porque os vínculos transformam o desejo de aprender em conhecimentos.

A formação do educador deve ser contemplada com uma profunda reflexão sobre a sua prática, entremeada de momentos em que o futuro profissional se utilize da prática docente e depois da prática reflexiva crítica de seu próprio desempenho. Teorizando sobre sua própria ação pedagógica, adquirirá maiores condições de corrigir erros e reinventar a própria prática, assumindo-se. Assumir para Freire (1996) aplica-se a uma mudança comportamental que tem como argumento a conscientização de uma situação. “Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque é capaz de amar.” (FREIRE, 1996, p.41).

Para Charlot (2005) o principal objetivo do professor deve ser o prazer de estudar e não a vaidade de ensinar. Do educador humanista espera-se a admissão da presença e a força dos bons sentimentos na determinação de sua identidade e na sua atuação profissional. A educação comporta uma forte dimensão afetiva, que aliada às dimensões filosófica, ideológica, socioeconômica, dentre outras, tem condição de definir, tanto quanto as demais, a realização de seus objetivos, por mais descontraídos e variados que sejam ao longo da história do homem. Tendo como comum a transformação da condição humana.

É fato que nas sociedades capitalistas, para a grande maioria da população, o trabalho tem um lugar primordial nos projetos de vida, mesmo que não seja pela sobrevivência demonstra-se como um projeto de vida. A própria realização profissional está alicerçada na quantidade de afeto investido no projeto de vida, que o trabalho supõe. Sendo assim, sem ignorar os demais fatores que incidem sobre o processo educacional, porém, contrariamente, combinando com eles, a

compreensão da dinâmica da carga sentimental do docente e sua influência na trajetória profissional devem ajudar na garantia da eficácia profissional.

De acordo com Wulf (2005) o fato marcante na educação é a sua condição de envolver permanentemente produção de imagens sobre o que é a vida humana, imagens sobre o poder do homem de auto-recriar-se continuamente, imagens sobre a liberdade humana de auto-transformar-se em alguma direção valorizada como mais digna. O ser humano necessita ser ou estar motivado para a vida. A educação tem o poder de desencadear o processo criativo e transformar as realidades amorosamente.

O papel do professor como mediador, se fundamenta na sensibilidade para o reconhecimento da importância das escolhas feitas por cada um dos seus educandos na vida, auxiliando-lhes no garimpo do essencial, orientando-lhes sobre as consequências diante dos caminhos tomados. Freire (1996) de forma muito coerente e peculiar nos aponta a educação como forma de ampliação e diversificação das fontes legítimas de saberes e a necessária coerência entre o “saber-fazer é o saber-ser-pedagógico”.

Ser professor numa sociedade de classes como a nossa significa incorporar humanidade na prática educativa. Manter acesa a chama do olhar ensinar-aprendendo, exercitando o bem querer pelos seres humanos, sustentado nas melhores emoções e sentimentos. Ser parte atuante da educação significa acima de tudo, assumir ações conscientes para a superação das situações cristalizadas existentes, para ocultações da verdade. Cabendo-nos, assim, a coerência, a clareza, a decisão política, terna sabedoria para fazermos hoje o que nos é possível, garantindo assim o amanhã, o talvez do impossível.

Considerações finais

Estamos assumindo a história com suas possibilidades. A transformação da educação em mercadoria é um dos desafios mais marcantes da atualidade, porque valoriza o econômico em detrimento do humano. Entendemos que somente uma educação emancipadora poderá inverter essa lógica através de uma formação direcionada para o combate da alienação e para a consciência crítica. Educando, portanto, para a possibilidade de concepção de um mundo melhor, para a qualidade de vida humana.

A humanização da docência significa educar para a ruptura, para a rebelião, para os sonhos, para saber dizer ‘não’, para soltar a voz denunciando e/ou anunciando o sentido pedagógico da vida. O educador ao encontrar o sentido da

vida, pode paralelamente encontrar o sentido de seu trabalho, colocando assim os seus afetos, subtraindo daí à força de viver e trabalhar. Nenhum professor pode omitir-se em mostrar as possibilidades de mudança a partir da intervenção crítica, de um trabalho ético e consciente na realidade de seus educandos.

No entanto, quando apontamos para a importância e beleza do papel do professor formador, somos sabedores, de que passamos por um momento de falência e desvalorização do trabalho do educador em todos os níveis, mas cremos nos elementos que constituem a docência ética, responsável e humana, com vocação para a superação, dando visibilidade para a nossa razão de ser e de nossa presença no mundo.

É importante que o professor se comprometa com sua docência, assumindo-se como elemento de processo e aprendiz junto a seus educandos, buscando sua qualificação e superação das deficiências. Este envolvimento carrega a marca da humildade e da solidariedade dentro da relação pedagógica. Comprometendo-se com uma educação para o sonho de um futuro melhor, uma educação para transformar o mundo.

Finalizando reafirmamos, a necessidade urgente de aprendermos a lidar com esta nova realidade, lançando luz sobre os elementos constitutivos da docência, focados na dimensão social da formação humana autônoma. E assumirmos essa luta que é nossa luta, enquanto profissionais da educação e seres humanos, que lidam diariamente e proximamente com a formação de outros seres humanos.

TEACHING, TASK PROCESSING

ABSTRACT: *The present work aims to share with education agents the importance of the act of the teaching which goes far beyond an elementary transmission of content. Through a careful literature review and participant observation, there is an attempt to bring out the educational action as a way of desalienation, leading students to the construction of a debate about education, which is understood as a developing field of interpretations and perspectives on humans and what it would be ideal to happen to them in their distinct life cycles. An emancipator form of teaching must work towards affection, respect and the promotion of learner autonomy of this paper is to understand education as a way to change the world, overcoming the differences and promoting social harmony as well as a reflection on the education process as a key to open new doors.*

KEYWORDS: *Education. Human. Teaching. Life. World.*

REFERÊNCIAS

CHARLOT, B. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização:** questões para educação hoje. Porto Alegre: Penso, 2005.

FREIRE, P. **Política e educação.** São Paulo: Villa das Letras, 2007.

_____. **Pedagogia da autonomia:** saber necessário à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, M. **Concepção dialética da educação:** um estudo introdutório. São Paulo: Cortez, 2006.

GADOTTI, M.; ROMÃO, J. E. (Org.). **Educação de jovens e adultos:** teoria, prática e proposta. São Paulo: Cortez, 2007.

IMBERNÓN, F. **Formação continuada de professores.** Porto Alegre: ARTMED, 2009.

NETO, A. J. (Org.). **Socialismo e educação.** Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

RIOS, T. **Compreender e ensinar:** por uma docência de melhor qualidade. São Paulo: Palas Athenas, 1997.

WULF, C. **Antropologia da educação.** Tradução de S.R. Silva. Campinas: Alínea, 2005.

